



A PESQUISA COMO ESTRATÉGIA DE CONHECIMENTO E SUA INTERLOCUÇÃO COM A EDUCAÇÃO BÁSICA NO QUILOMBO¹ DE SÃO MIGUEL.

Autor: Dilmar Luiz Lopes - UFRGS

Coautora: Carmen Lucia Bezerra Machado - UFRGS

Agência Financiadora: CNPq

Resumo:

O trabalho de pesquisa tem como objetivo refletir sobre a construção de uma perspectiva de educação escolar quilombola que promova compromisso com os saberes práticos dos quilombos. Tendo a pesquisa qualitativa como um caminho estratégico para levantamento das demandas e necessidades de uma escola municipal localizada no quilombo de São Miguel, na rede da Educação Básica de Restinga Seca, Rio Grande do Sul. Já o objeto não se dá de forma linear nem única, mas se apresenta no constante diálogo, entre idas e vindas do saber escolar e o saber da comunidade que são vinculados a partir de um local singular que nem sempre é reconhecido no currículo. O método foi se constituindo nesta relação entre a experiência do lugar e as categorias que brotam da pesquisa científica. O que permite espaço para criar novas teorias, de acordo com Minayo (2004). Os resultados apontam que o processo de construção do conhecimento passa pela pesquisa da realidade do grupo social quilombola. Sabendo que a educação quilombola básica não pode reproduzir as velhas práticas pedagógicas centradas apenas no professor. Mas precisa refletir no projeto político pedagógico os desafios da comunidade, dos estudantes e suas expectativas numa sociedade do conhecimento. A conclusão aponta que a educação quilombola existe e se dá por diferentes processos de mediação com as práticas sociais e culturais da comunidade, como: o território, a casa, a cultura, a linguagem, as festas, a cultura, o trabalho e as relações de parentesco.

Palavras chaves: pesquisa, território, quilombo e cultura.

INTRODUÇÃO

A pesquisa desenvolvida tem como objetivo compreender o processo de educação nas áreas de comunidades quilombolas, cuja natureza e função estão longe de ser bem conhecida pela pedagogia. Partindo da seguinte questão problematizadora: que educação é necessária para responder aos desafios de uma escola localizada em comunidade

¹ Por remanescentes de quilombo se entende hoje todo o agrupamento negro, rural ou urbano, constituído durante o regime escravocrata ou logo após a abolição, e que consolidou um território como forma de construção de um espaço mínimo de autonomia, no interior do qual logram a reprodução econômica, biológica em condições adversas (ABA, 1994).

remanescente de quilombo? Pensando a educação como um processo que é inerente a realidade das comunidades restando, portanto, compreender uma educação escolar que contemple as especificidades do território de modo a assegurar que a mesma dialogue com suas necessidades históricas (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, 2011, p.3).

O contexto onde se desenrola a pesquisa é na Escola Municipal Manoel Albino de Carvalho, localizada na comunidade quilombola de São Miguel, Restinga Seca, Rio Grande do Sul, no período de 2008 a 2010.

O quilombo de São Miguel é situado na zona rural do município de Restinga Seca, região central do Rio Grande do Sul, a 56 km de Santa Maria e a 277 km da capital, Porto Alegre. Essa comunidade quilombola localiza-se às margens da rodovia RS-149 e, possui aproximadamente 50 hectares de terra. Segundo o Laudo Antropológico da comunidade (Anjos & Silva, 2004), São Miguel foi fundada por Geraldo Martins Carvalho, nascido escravo em 1838 na sesmaria da família Martins Pinto, grandes fazendeiros da região, e por Ismael Cavalheiro, escravo da família Carvalho Bernardes, também com significativo prestígio na região. O território onde hoje está localizado São Miguel foi ocupado por Geraldo Carvalho, em meados de 1850, e adquirido por ele e Ismael em 1892, estando localizado na faixa de terra entre os antigos limites das sesmarias Carvalho Bernardes e Martins Pinto. Geraldo e Ismael estabeleceram ali suas famílias e atraíram outros escravos libertos para lá permanecerem (Anjos & Silva, 2004). Desde então, o povoado negro, formado basicamente por parentes, permanece no local. A comunidade possui hoje um total de 480 moradores que habitam o território, constituído por 138 famílias, 120 residências e em 40 lotes de área.

Na década de 1950 os quilombolas buscaram o acesso a educação formal, com imensa dificuldade, devido à localização de escolas em regiões de imigrantes europeus, onde o aluno negro não tinha inserção. Nessa localidade, foram construídas duas escolinhas de madeira, que começaram a funcionar no início de março de 1960, onde muitas crianças estudaram da 1ª a 4ª série. Mas veja a ironia do destino, após o projeto ser construído e estar funcionando com a participação da comunidade negra, a escola ficou reconhecida como Edmundo Bischoff. Numa prática hegemônica de poder e domínio, os africanos perdiam o seu nome e passavam a ser reconhecidos de acordo com os seus donos. O sobrenome dos Bischoff é revelador deste processo de negação da identidade africana. Já em 1975, quando a quantidade de crianças estava aumentando e não comportava numa escola pequena, foi negociado para aumentar as dependências físicas e pedagógicas do colégio. Na ocasião, a

prefeitura com apoio dos quilombolas trabalhou na reforma da escola para operacionalizar o Ensino Fundamental. A ampliação da escola se fez novamente com a participação da comunidade negra que ajudava na prestação de serviços. Nessa disputa para demarcar o território e recuperar um importante espaço de poder, a comunidade realiza uma assembléia geral no dia 29 de junho de 1975 para trocar o nome do colégio. Assim, o grupo se apropria da capacidade de monumentalização para manter viva a sua história e inaugura-a, como Escola Municipal Manoel Albino de Carvalho, com ensino da 1ª a 8ª série.

Atualmente, a escola Manoel Albino é apresentada como um marco importante da comunidade, uma conquista de todos, e ainda tem o nome de um dos patriarcas de São Miguel (Manoel Albino, filho de Geraldo Carvalho) e conta com instalações adequadas para o ensino e um ginásio coberto para prática de esportes. Os quilombolas assinalam com orgulho que todas as crianças estão na escola, que possui o Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

A metodologia que melhor responde a este desafio é a pesquisa qualitativa com base no recurso técnico da observação participante. Como lembra (Haguette,1987,p.77), a “observação participante pode ser considerada como a técnica de captação de dados menos estruturada, mas é um mergulho na cultura do outro, no seu habitat, para entender sua lógica, sua ordem simbólica”. Cabe mencionar que, dados qualitativos e quantitativos não estão em oposição, pelo contrário e entre eles há uma oposição complementar, que, quando bem trabalhadas teórica e praticamente, produz riqueza de informações, aprofundamento e maior fidedignidade interpretativa (Minayo, 2004).

Todavia no processo de construção do projeto já tinha sido alertado que a realidade é mais rica, complexa e contraditória do que a teoria.

Trouxeste pouco dos sujeitos pretéritos e atuais (...) raça, gênero e classe são indissociáveis e o empírico, a pesquisa que metodologicamente aponta vai indicando o caminho das teorias a serem buscadas. E em quilombos, bem sabes as vozes dos vivos e dos que deram início a esta luta protagonizam a escrita. Esta é uma orientação de estilo e escrita. (NUNES, 2010, p.3).

A partir destas observações e outras, a chegada ao campo me trouxe dúvidas sobre as categorias que havia elaborado, até aqui. Será que são suficientes para entender o que está acontecendo nesse contexto pesquisado? O que perguntar? Que respostas emergem? O que fazer para dar conta da problemática em questão? A análise entre as categorias universais e a realidade local me levou aos seguintes passos:

A) Mapeamento: Realizei um mapeamento que serviu como estudo anterior às entrevistas com a comunidade para obter-se conhecimento mais aprofundado do local a ser pesquisado. Os procedimentos para o mapeamento foi o seguinte: reunião com os líderes da comunidade articulada pela associação comunitária. Nesta reunião explicitava-se sinteticamente a pesquisa para as pessoas que gostariam de participar do estudo e informavam-se os dados necessários para a realização do campo. A fase seguinte do mapeamento foi uma incursão de reconhecimento dos locais de concentração da população que compunha o universo do estudo, seguindo as informações recebidas pelas lideranças da comunidade. Para responder as questões sobre educação na pesquisa apliquei um questionário semi-estruturado com 138 famílias da localidade, no ano de 2010. Posteriormente, selecionei para o trabalho 14 lideranças da comunidade e 15 estudantes da Escola Básica Manoel Albino Carvalho, Restinga Seca.

B) Capacitação para entrevistas: a preparação para o trabalho de campo contemplou os seguintes pontos: 1) o levantamento das questões, os objetivos e métodos de estudo; 2) discussão sobre conceitos e sobre parâmetros para identificação do sujeito a ser abordado; 3) questões éticas da pesquisa, a importância da postura ética durante o trabalho de campo na medida em que ele constitui um momento de relação entre duas pessoas pertencentes a realidade sociais, culturais bastante distintas; 4) conhecimento e familiarização com os instrumentos da pesquisa quantitativa e qualitativa.

LEITURA E ANÁLISE DOS DADOS

Na leitura e análise dos dados sobre a Educação Básica na comunidade quilombola de São Miguel, utilizamos os critérios de: acesso, qualidade e participação do ensino.

No primeiro aspecto, cabe destacar que a comunidade possui uma quantidade moderada de analfabetismo, concentrando-se entre os mais velhos, que abandonaram a escola prematuramente ou a frequentaram até onde era possível, o Ensino Fundamental Incompleto. Outro aspecto que merece atenção, é que todas as crianças tem **acesso** (Figura 1) à escola e recebem algum benefício como, a Bolsa Família, a merenda e transporte escolar.

Figura 1 – Escolaridade (2010)

<i>Escolaridade</i>	<i>Internos</i>		<i>Externos</i>	
	<i>F</i> <i>req</i>	<i>%</i>	<i>F</i> <i>req</i>	<i>%</i>
Analfabeto	5	1	6	1
	2	0,8		1,8

Alfabetização incompleta	1	2,	1	2,
	0	1		0
Alfabetização completa	3	0,	--	--
		6	-	-
1ª série do Ensino Fundamental	2	4,	4	7,
	3	8		8
2ª série do Ensino Fundamental	3	6,	3	5,
	1	5		9
3ª série do Ensino Fundamental	3	8,	2	3,
	9	1		9
4ª série do Ensino Fundamental	6	1	6	1
	8	4,2		1,8
5ª série do Ensino Fundamental	6	1	4	7,
	9	4,4		8
6ª série do Ensino Fundamental	2	5,	1	2,
	4	0		0
7ª série do Ensino Fundamental	2	4,	1	2,
	3	8		0
8ª série do Ensino Fundamental	4	8,	7	1
	1	5		3,6
1ª série do Ensino Médio	1	3,	1	2,
	5	1		0
2ª série do Ensino Médio	9	1,	2	3,
		9		9
3ª série do Ensino Médio	1	2,	3	5,
	3	7		9
Técnico/profissionalizante	1	0,	3	5,
		2		9
Supletivo / EJA	1	0,	--	--
		2	-	-
Superior Incompleto	--	--	2	3,
	-	-		9
Menor de 7 anos	5	1	5	9,
	3	1,0		8
NS/NR	5	1,	--	--
		0	-	-
Total	4	1	5	1
	80	00	1	00

Esse é um elemento que avançou de modo significativo no Brasil dos últimos, ou seja, o Ensino Fundamental está acessível à quase totalidade dos brasileiros. Mas isto não significa que os índices de repetência, violência e desistência tenham diminuído na Educação Básica. Essa problemática era gritante na Escola Manoel Albino de Carvalho, já que a direção precisou criar Turmas de Aceleração² para amenizar este drama da educação.

Nos aspectos que envolvem a **qualidade** (Figura 2) na educação a nossa análise demonstra que tem muito a avançar na direção da formação de professores, laboratórios de informática, biblioteca, currículo para responder aos desafios do ensino escolar quilombola no mundo contemporâneo da informação.

Figura 2 – Elementos para qualificar a educação básica dos quilombolas, (2010).

<i>Itens</i>	<i>F</i> <i>req</i>	<i>%</i>
Aumentar o número de professores	3	2, 2
Melhorar a qualidade dos professores (formação de professores)	1 0	7, 2
Melhorar a estrutura da escola (salas, laboratórios, bibliotecas, equipamentos esportivos, etc)	2 9	2 1,0
Necessidade de Ensino Médio/ profissionalizante	2 4	1 7,5
Maior segurança	3	2, 2
Estudar a história do Quilombo	3	2, 2
Está bom assim	1	0, 7
Refeitório	8	5, 8
Escola noturna	2	1, 4
Melhorar o acesso à escola, estrada perigosa	1	0, 7
NS / NR (inclui os que não possuem	5	3

² Turma de Aceleração se refere aqueles alunos que estão defasados em termos de idade e série a frequentar. Por isso, são feitas turmas que objetivam superar este problema e assim muitos alunos de forma rápida, concluem o Ensino Fundamental Completo.

familiares na escola)	4	9,1
Total*	1	1
	38	00

Ao analisar os limites e possibilidades, em relação à formação docente, o currículo precisa apontar para a transformação e construção de uma perspectiva político-pedagógico que promova compromisso com os saberes práticos dos quilombos.

No aspecto que envolve **participação** (Figura 3) temos alguns depoimentos que conferem a ação decisiva dos membros da comunidade quilombola na construção do colégio que congregou uma série de sentimentos de pertença ao grupo.

Pesquisador: O senhor estava me contando sobre a Escola, como ela começou?

Adélio Carvalho: Nessa época entrou o primeiro prefeito Eugênio Müller, já que Restinga Seca foi emancipada. E depois disso o Conselho de Pais e Mestres só podia trocar de dois em dois anos. Aí eu fui eleito e entrei presidente do CPM. Aí antes de sair eu pensei, estuda aqui do 1º ao 4º ano e depois tinha que ir para o município de Dona Francisca, Faxinal do Soturno ou Restinga Seca. Então como presidente, falei vou ter que arrumar uma solução. Vou pra Restinga falar com seu prefeito, o falecido Heitor Lemos. E fui muito bem recebido por ele. E me disse: __ Olha seu Adélio pra mim não tem problema é até uma boa solução que tu tá descobrindo, não passou pela minha cabeça. E na época aqui pertencia a Cachoeira do Sul. Aí a secretária telefonou para Secretaria de Educação (4ª Coordenadoria Regional de Educação) pra vir aqui e agente entrar nesse assunto. Eles vieram e nos deram uma aula verbal e passaram em filme pra ver como é que funcionava. É isso aí, vamos botar um monte de tijolos lá, vamos fotografar e mandar pra 4ª (CRE) de Cachoeira do Sul. E aí vieram os pedreiros e começaram a trabalhar. E no próximo ano já funcionou a 5ª série. Aí tive que correr atrás de tudo, esses alunos tinham que retornar. E convencer os pais! Mas convenci, precisava 35 alunos e arrumei mais de 40 alunos. Dava três salas de aula, os mais velhos retornaram todos (27/04/2010).

Esse depoimento demonstra um aspecto significativo na participação da comunidade em todas as etapas de ampliação do colégio. Há também um processo de acompanhamento do ensino, via a Conselho Escolar, Associação de Pais e Mestres e Grêmio Estudantil (figura 10).

Figura 3 - Participação da família, (2010).

<i>Itens</i>	<i>Sim</i>		<i>Não</i>		<i>Total</i> *	
	<i>req</i>	<i>req</i>	<i>req</i>	<i>req</i>	<i>req</i>	<i>req</i>
Conselho Escolar	0	,2	28	2,8	38	00
Associação de Pais e Mestres	0	,2	28	2,8	38	00

Grêmio Estudantil	,4	36	8,6	38	00	
Diretoria Eleita	--	--	38	00,0	38	00
Outro	,7	37	9,3	38	00	

Todavia, para a escola a presença das famílias não é decisiva no que tange a construção de diretrizes curriculares para uma educação escolar quilombola. Mesmo sabendo-se que é uma escola que está inserida num quilombo. E conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, 1996 a escola tem autonomia para estabelecer seu projeto Político- Pedagógico de acordo com as necessidades e contexto local.

A pesquisa mostrou que poucos moradores concluem o Ensino Médio, o que permitiria a entrada no Ensino Superior (Figura 4). Para os desafios do mundo contemporâneo, o ensino precisaria ser desenvolvido na sua totalidade, ou seja, Ensino Básico, Ensino Médio e Ensino Superior.

Figura 4 - Número de filhos que freqüentam ou freqüentaram o Ensino Superior, (2010).

<i>Número de filhos</i>	<i>F req</i>	<i>%</i>
Nenhum	1	9
	32	5,7
1 filho	1	,7
2 filhos	5	3,
		6
Total*	1	1
	38	00

Esses elementos em análise, (acesso, qualidade e participação) são determinantes para um percurso de sucesso das crianças quilombolas na rede de Educação Básica, no Município de Restinga Seca.

COMPREENDENDO OS CAMINHOS DA PESQUISA E APRENDIZADOS

No primeiro momento fui buscar na escola a resposta para o que procurava. Que tipo de educação é necessário a uma comunidade remanescente de quilombo? Nos primeiros contatos, percebi que os professores estavam preocupados em dar aula, vencer os conteúdos

de sua disciplina. Parece que não havia uma sintonia entre a escola e as questões da comunidade em seus aspectos políticos, pedagógicos e culturais. Havia sim uma preocupação em responder as demandas que vinham da secretaria municipal de educação. Não encontrando os subsídios suficientes para compreender o que passava naquela formação social, estabeleci uma virada na abordagem do ponto de vista teórico/prático. Ou seja, passei a olhar para o movimento que vinha da comunidade e os desafios que interpunha na relação escola, Educação Básica e sociedade.

Nesse caminhar fui construindo as estratégias da pesquisa. Quando me movimento do geral para o particular me recordo do processo de construção de categorias universal, como: contradição, mediação, estado, quilombos, que me ajudaram a entender o fenômeno, o objeto de pesquisa, qual seja, a educação quilombola enquanto uma política pública voltada para o território e a educação.

Já na dimensão particular, a realidade empírica a ser estudada (Minayo, 2004), o processo se deu ao inverso, no cotidiano da vida em comunidade, na relação com a terra, com a identidade, com o território; com a educação; foram emergindo as categorias de conteúdo que são orientadoras para o pesquisador coletar e organizar os dados, a partir de uma unidade de análise: território e educação que me ajudaram a compreender uma formação social encharcada numa cultura de origem africana e afrobrasileira. Suas relações, seus valores, seus costumes, suas identidades estavam cortadas pelas relações de produção capitalista. Ou ainda, se encontram na forma coletiva de partilhar e produzir na terra, na territorialidade negra, no lugar onde se produz a metáfora da identidade, na memória com fortes lampejos de rebeldia como a fuga do escravo Geraldo para fundar o quilombo como espaço de sociabilidade, parentesco e liberdade.

Nesse percurso pedagógico entre o que pergunto e o que vem de resposta, não como eu quero, mas como o movimento da pesquisa revela, é que torna o percurso rico e fecundo. Foi preciso se deixar levar pela dinâmica da pesquisa, por outras matrizes teóricas, pelo o que se apresenta nas entrelinhas, pelos gestos, pelo corpo, pela fala, etc. Neste sentido, a pesquisa também me trouxe dúvidas, inseguranças, interrogações. Recordo-me de (BHABHA, 1998, p.72), quando interroga a teoria que reproduz a metafísica ocidental, por onde emerge o deslocamento da relação colonial. “A presença negra atravessa a narrativa representativa do conceito de pessoa no ocidente”. Ou ainda, pesquisar o quilombo como uma prática diaspórica que representa uma forma de categorização que contrapõe a epistemologia eurocêntrica.

Uma outra questão que me angustiava é se conseguiria estabelecer a espacialidade com os sujeitos da pesquisa. Pelo simples fato de me encontrar envolvido com o processo, não correria o risco de fazer perguntas prontas, sem problematizá-las? A minha surpresa é que a realidade foi se mostrando por outros caminhos e com outras possibilidades. Uma pesquisa em comunidade me mostrou que as respostas não se apresentam de forma imediata, mas estão muito próximas, se relacionam, mas não são iguais. Talvez porque os problemas, desafios enfrentados pelo grupo sejam correlatos. Isto não quer dizer que é “sempre assim”, “naturalizado”. Mas pelo contrário, os sujeitos ressignificam cada experiência a sua maneira de enfrentar aquela problemática. Por exemplo, foi muito interessante a dinâmica das perguntas semi-estruturadas que serviram como ponto de partida. No momento que a conversa transcorria, estava mais aberta, se alcançava respostas mais profundas e fecundas. Perguntas como; e daí, seguindo naquela questão, você pode me esclarecer aquele fato, e outras me ajudaram no desenvolvimento livre da entrevista. Também foi significativa a dinâmica de entrevistar em família, ou em dupla. Nesse momento, se mostrava a riqueza das respostas, a visão de gênero, de raça, as contradições, as complementaridades, os medos, os silêncios, as angústias, as alegrias, os desafios e um infinito de conhecimentos e sentimentos.

Aprendi muito com a entrada no campo, a acolhida nas casas, no território quilombola. Sabendo que a intenção não era realizar uma etnografia clássica.

Isso se dá graças à ampliação do próprio horizonte da pesquisa, incorporando, em alguma escala, o horizonte do Outro. Trata-se da conhecida fusão de horizontes de que falam os hermeneutas... Portanto, nessa fusão de horizontes o pesquisador apenas abre espaço à perspectiva do Outro, sem abdicar da sua, uma vez que o seu esforço será sempre o de traduzir o discurso do Outro nos termos do próprio discurso de sua disciplina. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1995, p. 223).

Percebi a grande capacidade de comunicação oral, ao chegar à comunidade, as crianças faziam barulho anunciando a presença de alguém. Os seus movimentos comunicavam rapidamente a minha presença na comunidade. Outro aspecto relevante é o tempo/espço quilombola que é diferente do nosso. Não é melhor nem pior, apenas outro. Logo, a pesquisa se desenvolve neste outro tempo, mais lento, mais curtido, melhor trabalhado, mais dialogado, mais corporificado, na roda de amigos, no terreiro, debaixo das árvores, nas festas, nas caminhadas, nas rezas, nas refeições e nos vários movimentos da comunidade. Certa vez um indígena me disse: muitos pesquisadores vêm na aldeia para investigar o modo indígena de ser. Mas não sabem que para fazer uma verdadeira prática de pesquisa é preciso dormir na aldeia. Caso contrário, não se entende por completo o que

acontece dentro do território. Para os povos indígenas o sol e a lua são indissociáveis. Assim, o dia e a noite faz parte da mesma unidade. Não há compreensão de uma sem a outra.

Uma líder quilombola me dizia: __ “Não precisamos outra história, a própria história das comunidades remanescentes já é uma história pra ser contada.” Os quilombolas não são descendentes de escravos e sim de reinados, reis e rainhas africanos. (Terezinha Carvalho, 20/10/ 2010).

Não comparando a cultura sertaneja, mas relacionando com a quilombola podemos dizer como Guimarães Rosa que o povo canta, diz versos, conta histórias, dança, reza, expressa suas crenças, repete provérbios. Sua cultura é uma fala, através da qual se revela seu modo de vida. Como exemplo, podemos falar da narrativa trazida por dona Alzira, uma líder quilombola com quase 80 anos que reside com sua filha mais nova na comunidade de São Miguel. Ela me falava das “coisas bonitas” que aconteciam no quilombo. Dizia que sua família possuía um armazém que vendia milho, feijão e muita carne de porco. Aqui neste lugar tinha um grande chiqueirão onde se criavam os suínos. As lavouras eram abundantes e vendíamos verduras no armazém. Aqui tivemos a tafona³ que garantia o trabalho para muitas famílias.

Em dias de muito calor, o nosso armazém era o único local da região em que se compravam bebidas geladas. Meu marido tinha duas maneiras de mantê-las resfriadas. A primeira colocava as bebidas em um saco imerso no fundo de um poço. E após no porão, numa pequena adega forrada de forragem com barras de gelo que mantinha as bebidas bem geladinhas.

É interessante perceber a força dessa mulher que com sua criatividade, capacidade e segredo da benzedura administravam o negócio familiar. Inclusive intervêm no trabalho que era considerado somente para homens; a doma de cavalos xucros. Essa mulher conseguiu dar estudos para seus filhos que trabalham na área de saúde, técnico em enfermagem, enfermeiro e assistente social.

Numa dessas conversas me contou que o marido era domador de cavalos e narrou à seguinte trama.

Entrevistador: Conte-me aquele fato que envolve a doma de cavalos?

⁴Alzira: Certa feita, meu marido chegou em casa com um cavalo tordilho que era considerado muito bravo. Ele recomendou que não montasse no determinado cavalo. Mas

³ Uma máquina de moer a mandioca para transformá-la em farinha que era comercializada na região central do Rio Grande do Sul.

⁴ Foi adotado este procedimento para diferenciar de uma citação bibliográfica.

dentro da tradição quilombola desta família todas as mulheres são benzedeadas, inclusive sua filha mais nova. Alzira foi chamada a levar o cavalo tordilho até a barranca do rio para dar água para o animal. Ao se distanciar e já estando na barranca montou no cavalo tordilho que pulou, corcoveou muito dentro do rio. Após o cavalo se acalmar montou novamente e venho para casa.

Chegando na casa o marido perguntou: __ O que é isso mulher? Você é fogo mulher, montar num cavalo xucro. Mas que barbaridade! Ela respondeu: __Este já está benzido! Sim ele foi bento por uma mulher. Agora está manso e pronto para a lida do campo! (Alzira Carvalho, 20/10/ 2010).

A “linguagem metafórica se constitui no espaço privilegiado em que se traduzem o encontro e a negociação de práticas e objetos simbólicos que informam a realidade cotidiana de certos grupos humanos” (ESLAVA, 2007, p.197). Não basta catalogar dados, não basta entrevistar, é preciso comer juntos, caminhar juntos, beber juntos, conversar, lutar juntos. É estar aí, é estabelecer na pesquisa um compromisso ético para o desenvolvimento da ciência e do grupo social. Para finalizar quero lembrar Paulo Freire na Pedagogia do Oprimido: ninguém ensina ninguém, ninguém se liberta sozinho, mas nos libertamos juntos (1983: p.27).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa deve ser visto como um esforço no sentido de levantar alguns elementos que podem ajudar na formulação das diretrizes de uma Educação Básica de cunho quilombola. Seus limites se correlacionam com a ausência de uma tradição de produção pedagógica que tomasse essa variante empírica como análise. Um dos aspectos que cabe frisar é a necessidade da educação em áreas de comunidades de quilombos, já que é um dos poucos espaços de acesso aos códigos da cidadania moderna. Outro resultado que encontramos é a frágil relação entre a escola e os saberes da comunidade no sentido de reconhecer e agregar esses valores no currículo escolar, na gestão participativa e direção.

É preciso pensar uma educação do território capaz de se mover em duas direções convergentes: crítico-reflexiva e outra construtiva. A primeira consiste em referendar o aporte crítico de Gramsci e outros autores para desconstruir as representações de mundo que apontam como caminho único a acumulação irrefletida do capital. E a segunda, precisa contribuir para o nascimento e difusão de novas representações baseadas no reconhecimento e valorização das potencializadas negligenciadas em cada território e em cada sociedade local. A casa, a família, o lugar são espaços onde se produzem uma linguagem própria com

valores, saberes, fazeres que respeitem a ancestralidade negra africana. Com por exemplo, cumprimentar outra pessoa é sinal de respeito, pedir a benção é trazer a tona a experiência e memória de um irmão ou parente mais velho. Toda essa dimensão do singular, do específico que me fez entender que no processo de investigação precisamos estar atento para os gestos, para o silêncio, para o ritual, os aspectos materiais e imateriais da cultura que se apresentam no diálogo do pesquisador com os atores da pesquisa.

Finalmente, a educação escolar ou extraescolar quilombola não pode reproduzir as velhas práticas de uma educação homogênea, conservadora e preconceituosa, já que é feita com base na “escola velha” (Gramsci,1978). A educação quilombola, a nosso ver existe, e se dá por um processo de diferentes mediações: com a terra/território, com o trabalho não apenas como valor de uso transformado em valor de troca, com a cultura, com a família e com a escola.

REFERÊNCIAS

ANJOS, José Carlos Gomes & SILVA, Sergio Baptista Da. **São Miguel e Rincão dos Martimianos: Ancestralidade Negra e Direitos Territoriais**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2004.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana L. de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Antropologia e a crise dos modelos explicativos**. Estudos Avançados, vol. 9 n°25, São Paulo, Set./Dez. 1995.

Diretrizes Curriculares da Educação Escolar Quilombola, Conselho Nacional da Educação, Brasília, 2011.

ESLAVA, Fernando V. **Atualidade e pertinência do conceito de transculturação narrativa: uma hipótese de trabalho** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, Julho/Dezembro de 2007, UFSM (Artigo consultado na internet, 15/12/2011).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 13ªed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

GRAMSCI, Antonio . **Os Intelectuais e a organização da cultura** 2ª ed.; Trad. Carlos Nelson Coutinho, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira,1978.

HAGUETTE, Teresa Maria. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 14^a edição, Vozes , 2004.

NUNES, Georgina. **Parecer do projeto de tese.** UFRGS, PPGEDU, 2010.